

## IMANÊNCIA E DISSIDÊNCIA: ELINOR E MARIANNE COMO REPRESENTAÇÕES DO FEMININO, EM RAZÃO E SENSIBILIDADE, DE JANE AUSTEN

### IMMANENCE AND DISSIDENCE: ELINOR AND MARIANNE AS REPRESENTATIONS OF THE FEMININE IN *SENSE AND SENSIBILITY* BY JANE AUSTEN

**Francisco Edinaldo de Pontes**<sup>1</sup>

ROR Universidade Está de Sá

✉ edinaldopontesacademico@gmail.com



**Ana Flávia da Silva Oliveira**<sup>2</sup>

ROR Universidade Estadual da Paraíba

✉ ana.flavia37@yahoo.com.br



**Jaqueline Vieira de Lima**<sup>3</sup>

ROR Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo

✉ jaqueliima@gmail.com



**RESUMO:** Na perspectiva da crítica literária feminista e do feminismo político, o objetivo do presente artigo consiste em fazer uma análise comparativa entre as protagonistas Elinor Dashwood e Marianne Dashwood, no romance *Razão e Sensibilidade* (2014), de Jane Austen, mostrando a imanência de Elinor em contraste com a dissidência de Marianne, na Inglaterra, entre os séculos XVIII e XIX. Tendo em vista que, Elinor representa o “Anjo do Lar”, enquanto Marianne, representa a “rebeldia”. Metodologicamente, o nosso estudo consiste em uma pesquisa exploratória e de cunho bibliográfico, com uma abordagem de interpretação textual, remetendo-se ao método indutivo; em que fazemos uma leitura interpretativa e crítico-reflexiva da narrativa literária. Como fundamentação teórica, dentre outros, apoiamos-nos nas concepções de Azerêdo (2013); Beauvoir (2009); Campbell (2015); Manguieira (2017); Millett (1970); Muraro (2002); Perrot (2017); Pontes (2019); Woolf (2019); Wollstonecraft (2016); Zardini (2013); Zolin (2009). Em conclusão, constatamos que, Jane Austen constrói Elinor Dashwood como submissa para mostrar a total aceitação do seu contexto legal, civil e político. E, ao mesmo tempo, constrói Marianne Dashwood como subversiva, que é apresentada na narrativa com o intuito de refutar todas as ações opressoras ao seu gênero, inclusive com relação à instituição do casamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Razão e Sensibilidade*; Elinor; Marianne; imanência; dissidência.

**ABSTRACT:** In the perspective of the feminist literary criticism and the political feminism, this paper aims to do a comparative analysis between the protagonists Elinor Dashwood and Marianne Dashwood in the novel *Sense and Sensibility* (2014) by Jane Austen; showing the immanence of Elinor and the dissidence of Marianne in England, between the eighteenth and the nineteenth centuries. In consideration that, Elinor represents the “Home Angel” while Marianne represents the “rebelliousness”. Methodologically, our work consists in an exploratory research with a bibliographical slant, remitting to the inductive method; in which we have done an interpretative and critical-reflective reading about the literary narrative. As theoretical basis, we have relied, amongst others, on the conceptions by Azerêdo (2013); Beauvoir (2009); Campbell (2015); Manguieira (2017); Millett (1970); Muraro (2002); Perrot (2017); Pontes (2019); Woolf (2019); Wollstonecraft (2016); Zardini (2013); Zolin (2009). In conclusion, we have noticed that Jane Austen constructs Elinor Dashwood as submissive to show the total acceptance of her legal, civil, and political context. And, at the same time, she constructs Marianne Dashwood as subversive, who is presented in the narrative in order to refute all oppressive actions against her gender, including in relation to the institution of marriage.

**KEYWORDS:** *Sense and Sensibility*; Elinor; Marianne; immanence; dissidence.

**Informações sobre os(as) autores(as):**

1 Mestre em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB). Especialista em Revisão de Textos (PUC Minas). Graduado em Licenciatura Plena em Letras - Inglês (UEPB).

2 Mestra em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB). Especialista em Estudos Linguísticos e Literários (UEPB). Graduada em Licenciatura Plena em Letras - Português (UEPB).

3 Mestra em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB). Especialista em Linguagens, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho (UFPI). Graduada em Licenciatura Plena em Letras - Português (UEPB).

**doi** 10.29281/rd.v13i25.17669

**Fluxo de trabalho**

Recebido: 02/02/2025

Aceito: 26/02/2025

Publicado: 28/02/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)



Este trabalho está licenciado sob uma licença:



Verificador de Plágio

**Plagius**

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

[...] não tenho medo de mostrar meus sentimentos e de fazer coisas imprudentes, pois acredito que o que não se mostra, não se sente. Coisa que talvez surpreenda muito a você, pois os seus sentimentos são tão guardados que parecem não existir realmente' (Marianne Dashwood).

– Em *Razão e Sensibilidade* (2014), de Jane Austen.

Dona de um pensamento muito além do seu tempo, a romancista inglesa Jane Austen (1775-1817)<sup>1</sup> deu continuidade, no âmbito da literatura de ficção e mesmo de forma velada, o que a sua predecessora, Mary Wollstonecraft (1759-1797)<sup>2</sup>, fez na busca por igualdade de direitos entre os gêneros. Em virtude disso, podemos afirmar que, a sua obra não representa apenas as belezas do Período Regencial Inglês<sup>3</sup>, mas também, configura-se como uma denúncia a respeito da condição da mulher nos séculos XVIII e XIX, na Inglaterra. Dessa maneira, como uma boa filha do seu tempo, Jane Austen não deixou de transpor nas suas obras a representação do feminino enclausurado na conjuntura impositora e opressora às mulheres da sua pátria oitocentista; configurando, dessa forma, o cerne do presente estudo.

Diante do exposto, o objetivo do referido artigo consiste em fazer uma breve análise comparativa entre as protagonistas Elinor Dashwood e Marianne Dashwood, no romance *Razão e Sensibilidade* (2014) – publicado originalmente em 1811 –, de Jane Austen, mostrando o contraste entre a postura imanente de Elinor e o comportamento dissidente de Marianne no contexto georgiano, na perspectiva da crítica literária feminista e do feminismo político.

Assim, a nossa ideia-tese consiste no fato de que percebemos que, ao longo de *Razão e Sensibilidade* (2014), há um contraste relacionado às posturas entre as protagonistas e irmãs Elinor Dashwood e Marianne Dashwood. Tendo em vista que, a primeira representa

1 Nota biográfica sobre a romancista: Jane Austen nasceu em Steventon, Hampshire, Inglaterra, em 1775. E faleceu em 1817, aos 41 anos de idade, em Chawton, Hampshire. A escritora foi sepultada na Catedral de Winchester, Hampshire, Inglaterra. Ao longo de sua curta vida, a romancista histórica, regionalista e georgiana inglesa nos deixou a novela epistolar intitulada *Lady Susan* (1794-1805), seis romances e algumas obras inacabadas; dentre as obras acabadas: *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813), *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1815), *Persuasão* (1817) e *A Abadia de Northanger* (1818). Sendo as obras que ficaram inacabadas, mas posteriormente finalizadas e publicadas por seus familiares: *The Young Sister* (1850) e *Sanditon* (1925). Além disso, ela também deixou uma peça teatral, nomeada *The Grandison, or The Happy Man: a Comedy in Six Acts*; poemas; escritos epistolares; e um esboço de um novo romance, intitulado *Projeto de um Romance*, que ela estava escrevendo quando a morte a levou (Cf. Austen-Leigh, 2014).

2 “[...] foi uma intelectual libertária, uma ativista das causas dos oprimidos, cuja militância antiescravagista é hoje reconhecida oficialmente com sua introdução formal no panteão dos abolicionistas ingleses [...]” (Moraes, 2016, p. 07). Para mais informações, conferir o “Prefácio” escrito pela Socióloga, Militante Feminista e Professora Universitária Brasileira, Maria Lygia Quartim de Moraes, na edição de *Reivindicação dos Direitos da Mulher* (2016), da Editora Boitempo.

3 Era Georgiana ou Período Regencial: A referida “Era” recebe, por assim dizer, a adjetivação referente ao nome do monarca da Inglaterra que governou nesse período, o Rei George III (1738-1820); e logo depois, o seu filho, o Rei George IV (1762-1830), com regência de 1811 a 1830 (Cf. Byrne, 2018).



o “Anjo do Lar” (Cf Woolf, 2019), pois a mesma apresenta-se submissa, por aceitar todas as imposições feitas ao seu gênero no contexto oitocentista inglês. Enquanto à segunda, representa a “rebeldia” (Cf Moura, 2015) e (Cf Silva, 2019), pois apresenta-se como insubmissa, em virtude de ela subverter os padrões, normas, condutas, regras e moldes impostos às mulheres georgianas inglesas.

O nosso estudo justifica-se pela necessidade de investigar a representação feminina e a condição da mulher na sociedade inglesa, entre os séculos XVIII e XIX; recorte histórico demarcado pelo patriarcalismo<sup>4</sup>, no qual predominava, com mais vigor, a prática sexista<sup>5</sup>, androcêntrica<sup>6</sup> e falocêntrica<sup>7</sup>. Sociedade esta que, tem como elementos marcantes o domínio do pensamento hegemônico e supremacista masculino. Além disso, reconhecemos a importância de investigar o modo como Jane Austen (2014) constrói as suas protagonistas, evidenciando uma exaltação da voz feminina ao longo da sua narrativa romanesca. O que, de certa maneira, configura a obra em estudo como um romance responsável por dar vez e voz a personagens femininas com características que, outrora, não identificamos na maioria das obras produzidas por escritores consagrados do cânone denominado pela Crítica Literária Tradicional.

No que concerne ao encaminhamento metodológico, o nosso artigo consiste em uma pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico, com uma abordagem de interpretação textual, remetendo-se ao método indutivo. Ademais, utilizamos como principal instrumento para análise do romance o estudo de cunho estruturalista. Ou seja, uma análise estrutural da narrativa romanesca, como uma forma de enriquecer o trabalho com informações precisas, obtidas através de uma leitura atenciosa, interpretativa e crítico-reflexiva da obra austeniana.

Como fundamentação teórica, recorreremos às ideias e concepções de Azerêdo (2013); Beauvoir (2009); Manguiera (2017); Millett (2003 [1968], 1970); Muraro (2002); Moura (2015); Perrot (2010); Pontes (2019); Sales (2017); Silva (2019); Woolf (2019); Wollstonecraft (2016); Zardini (2011, 2013); Zolin (2009).

4 Patriarcalismo: “Termo utilizado para designar uma espécie de organização familiar originária dos povos antigos, na qual toda instituição social concentrava-se a figura de um chefe, o patriarca, cuja autoridade era preponderante e incontestável. Esse conceito tem permeado a maioria das discussões, travadas no contexto do pensamento feminista, que envolvem a opressão da mulher ao longo da sua história” (Zolin, 2009, p. 219).

5 Sexista: “Pessoa que possui particularidades e/ou características que denotam sexismo” (Cf. Neves; Ribeiro, 2020). Sexismo: “é um conceito que aparece por volta de 1965, por analogia com outros conceitos como ‘racismo’. Pretende-se cunhar com este termo a discriminação por razões de sexo (Niedzwiecki, 1993: 16)” (Macedo; Amaral *et al*, 2005, p. 176).

6 Androcêntrico: “[Antropologia] Relativo ao androcentrismo, à tendência para assumir o masculino como único modelo de representação coletiva, sendo os comportamentos, pensamentos ou experiências, associados ao sexo masculino, os que devem ser tidos como padrão. [Popular] Refere-se à supervalorização do homem, e de suas experiências e comportamentos, não assumindo os seres humanos como igualitários, geralmente desvalorizando as experiências das mulheres ou a busca pelos seus direitos” (Cf. Neves; Ribeiro, 2020).

7 Falocentrismo: “O termo Falocentrismo ganhou preponderância nos debates feministas contemporâneos, onde é muitas vezes usado fora do contexto psicanalítico, de onde é proveniente, através do vocábulo <<falo>> e de expressões como <<estado fático>> (do desenvolvimento) [...]” (Macedo; Amaral *et al*, 2005, p. 64).

## 1 GEORGIAN WOMEN: A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO CONTEXTO OITOCENTISTA INGLÊS

[...] a opressão das mulheres não é apenas econômica; é só uma parte disso. **A opressão das mulheres é total** e, portanto, existe na mente, é a opressão psicológica [...] (Millett, 2003 [1968], p. 10, tradução<sup>8</sup> e grifos nossos).

*Razão e Sensibilidade* (2014) é um romance que tem como pano de fundo a Era Georgiana Inglesa (1714-1830). A narrativa inicia-se com o falecimento de Mr. Henry Dashwood, proprietário de Norland Park, no condado de Sussex; deixando a sua esposa, Mrs. Henry Dashwood e as suas três filhas, Miss Elinor, Miss Marianne e a menina Margaret, desabrigadas. Pois, Norland Park seria herdada pelo seu filho primogênito, Mr. John Dashwood, em virtude do direito de primogenitura que permeava o contexto civil e legal da Inglaterra georgiana. Em meio a sua decadência socioeconômica, civil e legal, as Dashwood são convidadas por um parente, Sir William Middleton, proprietário de Barton Park, no condado de Devonshire, para ocuparem o Barton Cottage e recomeçarem as suas vidas.

Destarte, o *leitmotiv* narrativo da obra centra-se nas decepções afetivas das protagonistas Elinor Dashwood e Marianne Dashwood, tanto com relação aos seus pretendentes como no que diz respeito às demais pessoas que compõem o seu círculo de amizade. Portanto, o tema central da narrativa – que é homônimo ao título do romance – consiste na razão de Elinor e na sensibilidade de Marianne; e como essas características marcantes de cada uma contribuem para o desenrolar dos conflitos no decorrer da trama austeniana. Nessa perspectiva, ao final do romance, as personalidades conflitantes das irmãs as direcionam para um equilíbrio entre a razão e a sensibilidade, contribuindo, de certo modo, para a evolução e o autoconhecimento de ambas as protagonistas.

Em última instância, mas não menos importante, segundo os estudiosos da Crítica Literatura Inglesa, como Terryson Eagleton (2005), Stephen Greenblatt e M. H. Abrams (2005), Andrew Sanders (1994), G. C. Thornley e Gwyneth Roberts (2003), e Cevasco e Siqueira (1999); além de *Razão e Sensibilidade* (2014) ser pertencente ao Período Romântico da Literatura Inglesa (1780-1830), considerado por esses teóricos, dessa maneira, como um romance regionalista e histórico, apresenta-se, também, como um romance de críticas à sociedade aristocrata e georgiana inglesa. Em que, de certa forma, identificamos a frequente presença de características típicas da escrita austeniana, tais

<sup>8</sup> Texto Original: “the oppression of women is not only economic; that’s just a part of it. **The oppression of women is total** and, therefore, it exists in the mind, it is psychological oppression [...]” (Millett, 2003 [1968], p. 10, griffons made by us).



como: a ironia, o humor ácido, o sarcasmo (embora esses três conceitos linguísticos não sejam o nosso foco de análise) e a exaltação da voz feminina na narrativa romanesca.

É necessário salientarmos que, o propósito do referido Artigo Científico não é fazer uma análise linguística levando em consideração os elementos “ironia, humor ácido e sarcasmo”; mas sim, mostrar como configura-se – através das ações das personagens – a representação feminina na obra austeniana por meio das protagonistas Elinor Dashwood e Marianne Dashwood. Portanto, trata-se de uma análise literária, utilizando conceitos dos Estudos de Gênero na Literatura e da Crítica Literária Feminista; isentando-nos, assim, de interpretações estritamente linguísticas por parte do leitor.

Porém, antes da análise propriamente dita das personagens femininas, para que possamos entender como se apresentam as representações do feminino no contexto sócio-histórico-político e cultural no qual a obra austeniana foi produzida, precisamos entender como se configuravam as relações de gênero na Inglaterra do século XIX; quando vemos que, havia uma firme demarcação dos papéis e tarefas dos sexos masculino e feminino nessa sociedade patriarcal.

Então, a esse respeito, Michelle Perrot (2010) afirma que:

**[...] ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos**, declara um delegado operário da exposição mundial de 1867. [...] o século XIX acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual. **Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seus lugares quase predeterminados**, até em seus detalhes (Perrot, 2010, p. 178, grifos nossos).

Ao observarmos a citação, vemos que a historiadora francesa Michelle Perrot (2017) discute sobre o que o sistema patriarcal estabeleceu como norma universal ao longo dos séculos. Dessa maneira, é destinado ao homem todas as tarefas que mantêm o contato direto com o exterior ao lar e ao ar livre, assim como, o domínio dos assuntos que se remetem à esfera pública. Já à mulher, é imposto as atividades que se detêm ao interior ao lar, ao enclausuramento, ao domínio do privado, à execução de tarefas domésticas e ao cuidado com a família. Pois, o “[...] seu papel biológico [o da mulher] prescrito **era dar à luz e criar os filhos**. O papel masculino **era sustentar e proteger**. Esses papéis eram biológica e psicologicamente arquétipos [...]” (Campbell, 2015, p. 17, grifos e acréscimo nossos). Em consequência disso, o “[...] seu espaço [o da mulher] fica restrito ao limitado, ao espaço fechado e ao privado, **criando na produção romanesca a ideologia da domesticidade** [...]” (Mangueira, 2017, p. 36, grifos e acréscimo nossos).

Por conseguinte, por ter domínio apenas do privado, sendo proibida de lidar com questões da esfera pública e de ter acesso à uma educação igualitária e que formasse



um pensamento crítico (Cf. Wollstonecraft, 2016), Samira Barros (2013) afirma que, na sociedade patriarcal dos séculos XVIII e XIX:

[...] **a mulher era submissa ao homem**, não podendo se destacar e muito menos exercer funções masculinas. Suas funções eram **a de ser uma boa esposa, uma boa dona de casa e uma boa mãe, ela não poderia exercer outro papel, pois seria malvista perante a sociedade**, e isso acabava sendo ditado pela própria sociedade (Barros, 2013, p. 37, grifos nossos).

Além do que foi discutido acima, conforme Fernanda Moura (2015) e Bárbara Silva (2019), uma outra característica dessa conjuntura que conseguimos perceber nitidamente na obra austeniana em tela e que reforça a falta de direitos da mulher nesse contexto, consiste na preocupação com a primogenitura masculina. Pois, o homem da sociedade patriarcal, androcêntrica e falocêntrica “[...] precisa de herdeiros através dos quais se prolongará sua vida terrestre – pelo fato de lhes legar seus bens – e que lhe renderão, além-túmulo, as honras necessárias ao repouso de sua alma” (Beauvoir, 2009, p. 92). É o que, de certa maneira, corrobora com a abertura de *Razão e Sensibilidade* (2014), quando testemunhamos o declínio civil, legal e socioeconômico das Dashwood com o falecimento do patriarca Mr. Henry Dashwood; legando, desse modo, a propriedade Norland Park ao seu primogênito homem, Mr. John Dashwood, nos revelando, assim, a concretização da dominação do sexo masculino em relação ao sexo feminino no contexto oitocentista inglês:

Um exemplo de dominação do sexo masculino com relação ao feminino nos é mostrado frequentemente em obras literárias do contexto oitocentista inglês, quando a maioria dessas narrativas nos apresenta, de maneira implícita ou explícita, a submissão e a subjugação das mulheres aos homens. A mulher, nesse contexto oitocentista patriarcal, não tem direito a alguns privilégios sociais como os homens têm, tais como: direito à herança, à uma profissão, a propriedades, ao poder público, de fato. Dessa maneira, o feminino é limitado à vida domiciliar, ou seja, à vida privada, lhe restando como única forma de ser respeitada pela sociedade o matrimônio, a presença masculina para firmar-se como um indivíduo civil (Pontes, 2019, p. 30).

Com isso, conseguimos perceber, desde o início do romance, como as relações de gênero, segundo Michelle Perrot (2010); as relações de poder entre os sexos, conforme Simone de Beauvoir (2009) argumenta; e, como a política sexual, na concepção de Kate Millett (1970); se configuram na Inglaterra georgiana, demarcando bem as representações do masculino e do feminino em um contexto no qual a mulher não tem vez nem voz perante às esferas legal e civil georgianas inglesas.

## 2 HEADS AND TAILS: ELINOR E MARIANNE COMO REPRESENTAÇÕES DO FEMININO

É hora de efetuar uma revolução nos modos das mulheres – **hora de devolver-lhes a dignidade perdida** – e fazê-las, como parte da espécie humana, trabalhar reformando a si mesmas para reformar o mundo. É hora de separar a moral imutável dos modos locais. Se os homens são semideuses, por que nos deixam servi-los?  
[...] (Wollstonecraft, 2016, p. 69, grifos nossos).

Levando em consideração o exposto no tópico anterior e conforme Adriana Sales (2017), percebemos que Jane Austen (2014) constrói as personagens femininas em tela com o intuito de mostrar os dois lados da representação do feminino como uma forma de apresentar críticas, sarcasmo, ironia e humor ácido perante a conjuntura na qual ela viveu, a saber: cara e coroa, razão e sensibilidade, imanência e dissidência. Uma vez que, consoante Fernanda Moura (2015) e Bárbara Silva (2019), ao final da narrativa, vemos que ambas as protagonistas não fogem do último estágio legal e civil da vida de uma mulher georgiana inglesa, que é submeter-se à instituição do casamento, como máxima da sua condição de gendrada. Para tanto, como uma maneira de ilustrar esse contraste de posturas entre Elinor e Marianne, selecionamos apenas três pontos para a nossa análise comparativa.

Dessa forma, com relação ao primeiro ponto de análise das referidas personagens, um dos elementos que nos chama atenção ao longo do romance diz respeito ao anjo do lar *versus* rebeldia. Portanto, “O Anjo do Lar” (Cf. Woolf, 2019, p. 11-13), pode ser representado por Elinor ao observarmos a sua opinião sobre “o destino de mulher” (Beauvoir, 2009, p. 354) que é imposto ao feminino, que consiste no casamento por conveniência. Vemos isso em um diálogo entre Elinor e Marianne sobre o casamento por amor ou por conveniência, quando a primeira expõe a sua opinião afirmando:

‘Talvez 35 anos e 17’, disse Elinor, ‘não combinem para um casamento entre si. Mas, se por acaso houvesse alguma oportunidade para uma mulher solteira de seus 27 anos, não acho que o coronel Brandon com seus 35 anos tivesse qualquer objeção em se casar com ELA. [...] ‘Seria impossível, eu sei’, respondeu Elinor, ‘convencer-lhe de que uma mulher de 27 anos pudesse sentir qualquer coisa muito parecida com amor por um homem de 35 anos, de modo que o torne uma companhia agradável para ela [...]’ (Austen, 2014, p. 53, grifo da autora).

Ao lermos o trecho, conseguimos observar que Elinor é a favor do casamento por conveniência, o que evidencia, por conseguinte, o seu conformismo e aceitação de sua condição de Anjo do Lar no contexto oitocentista inglês. Na conversa entre as irmãs,

percebemos que Marianne, na nossa opinião, confirma a tese de Elen Biguelini (2009), quando ela diz que apenas uma mulher com uma idade avançada para se casar estaria inclinada ao casamento com o Coronel Brandon – o que supõe que seria um casamento por conveniência, sem afeição, o que era desaprovado por Marianne –, levando em consideração que, a idade do *Chevalier* também já estava um pouco avançada para o arranjo da época.

Em resposta à crítica ferrenha e ao inconformismo de Marianne, Elinor afirma que: sorte da mulher que passasse da idade de casar-se e, que ainda poderia dar-se ao arranjo, mesmo sem afeição. O que nos remete às concepções de Elen Biguelini (2009), quando ela discute sobre o casamento como uma garantia de estabilidade socioeconômica das mulheres do século XIX.

Isso posto, vemos que Elinor conforma-se com a sua situação de abnegada aos moldes do sistema patriarcal, evidenciando uma postura que nos remete ao lema “humilde e penitente”<sup>9</sup> perante a estrutura falocêntrica da Inglaterra Pré-Vitoriana. Então, à essa postura de conformismo e abnegação de Elinor, Virginia Woolf (2019) denomina como o “Anjo do Lar”, quando a teórica inglesa afirma que:

[...] Ela é extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. [...], **seu feitio era nunca ter opinião própria ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros.** [...] E, segundo o Anjo do Lar, as mulheres não podem tratar de nenhuma dessas questões [questões sociais] com liberdade e franqueza; **se querem se dar bem, elas precisam agradar, precisam – falando sem rodeios – mentir** (Woolf, 2019, p. 11-13, grifos e acréscimo nossos).

Em adição, não é somente nesse aspecto que Elinor pode ser considerada como um “Anjo do Lar”, mas, há diversos outros elementos que moldam essa personagem ao longo da narrativa ao ponto de identificarmos características permanentes, tais como: o altruísmo; a simpatia; a ausência de opinião ou vontade própria; ela sempre concorda com a opinião e a vontade dos outros; e, ela mantém o árduo desejo de sempre agradar a todos.

Mais adiante, em resposta à afirmação de Elinor a respeito do casamento por conveniência, conseguimos ver a característica de rebeldia de Marianne no seguinte fragmento, quando ela afirma:

‘Uma mulher de 27 anos’, disse Marianne, [...], ‘jamais poderia ter a esperança de sentir ou inspirar afeição novamente, e se sua casa não for confortável, ou sua fortuna for pequena, suponho que pudesse se

<sup>9</sup> Texto original: “Humble and penitent, this is my motto!” Referência ao lema que Lady Margaret Beaufort impõe à sua nora, Elizabeth of York, no romance histórico contemporâneo inglês *The White Princess* (2013), de Philippa Gregory.

submeter ao ofício de enfermeira, em troca da segurança financeira como esposa. [...] não seria de modo algum um casamento, mas isso não importa. Para mim, seria apenas como um contrato comercial, onde cada um se beneficia à custa do outro' (Austen, 2014, p. 53).

Ao contrário de Elinor, Marianne apresenta-se como rebelde se comparada com a sua irmã. Pois, essa última não se conforma com o que é imposto às mulheres do seu contexto: o de casarem-se sem afeição. Visto que, o objetivo é conseguir um futuro socioeconômico estável através do matrimônio, premissa que a própria Marianne discorda totalmente no decurso da narrativa romanesca. Dessa maneira, em confirmação à essa opinião de Marianne sobre casar-se por amor, vemos isso sendo afirmado pela própria Marianne: “[...] Mamãe, quanto mais eu conheço o mundo, mais estou convencida de que nunca encontrarei um homem a quem eu possa amar verdadeiramente [...]” (Austen, 2014, p. 25).

Em acréscimo, um outro aspecto que nos chama atenção em Marianne e que configura a sua rebeldia ante o que o sistema patriarcal impõe às mulheres Pré-Vitorianas inglesas consiste no seu posicionamento sobre a escolha de seu próprio marido e da afeição que um deve nutrir pelo outro; quando, ao invés de outrem escolherem e imporem qual marido é adequado para ela, essa expressa a sua preferência sem medir esforços: “[...] Não poderia ser feliz com um homem cujo gosto não coincide com o meu. Ele deve penetrar em todos os meus sentimentos, os mesmos livros, a mesma música deve encantar os dois [...]” (Austen, 2014, p. 25).

Logo, com relação a esse posicionamento das protagonistas de Jane Austen, Genilda Azerêdo (2013, p. 27-28) diz o seguinte:

Como sempre, em Austen, as protagonistas não apenas conversam, embora, aparentemente, alguns diálogos pareçam banais. **Seus diálogos são representativos de embates, conflitos**, perspectivas sobre assuntos que dizem respeito ao convívio e comportamento social, à educação, ao casamento, ao sentimento; são **discursos imbuídos de valores e refletem a visão crítica que tais personagens possuem** (Azerêdo, 2013, p. 27-28, grifos nossos).

Tendo em vista o que Genilda Azerêdo (2013) afirma, o segundo ponto de análise que identificamos no decorrer do enredo romanesco refere-se à existência de uma postura e personalidade neutra, conformista, obediente, subordinada, cândida, submissa e prudente de Elinor em contraste com a postura e personalidade forte, inconformista, desobediente, insubordinada, sagaz, subversiva e imprudente de Marianne. No que diz respeito à primeira personagem, conseguimos observar no trecho seguinte, a neutralidade e o conformismo de Elinor em uma conversa com sua irmã Marianne, quando a primeira



decide render-se aos argumentos dessa última: “Elinor considerou que seria sábio não tocar mais no assunto. Conhecia o temperamento da irmã. Fazer oposição a um assunto tão delicado só serviria para fortalecer mais ainda a sua própria opinião [...]” (Austen, 2014, p. 81-83).

Outrossim, uma outra característica da postura de Elinor que é contrastante com a da sua irmã, concerne na sua frequente prudência ao se deparar com qualquer situação cotidiana. Dessa maneira, podemos ver isso explícito na seguinte afirmação de sua mãe, com relação à uma possível viagem que as irmãs Dashwood fariam à Londres, para passarem mais de dois meses na casa de Mrs. Jennings: “E o que, disse Mrs. Dashwood, ‘Minha querida e prudente Elinor vai sugerir? Qual obstáculo intransponível ela vai nos apresentar? Deixe-me ouvir o quanto gastaremos com isso’” (Austen, 2014, p. 211).

Assim, como representação de uma moça obediente, subordinada e submissa às regras de sua época, Elinor sempre tenta remediar situações constrangedoras, como o faz durante a sua viagem à Londres, quando sua irmã Marianne falta com o decoro para com Mrs. Jennings: “[...] Portanto, para compensar essa conduta, Elinor assumiu imediatamente o dever de ser gentil que ela mesma tinha se imposto, e foi bastante atenciosa com Mrs. Jennings, conversando com ela, dando risadas e escutando-a sempre que possível [...]” (Austen, 2014, p. 215). O mesmo acontece em um outro momento quando Elinor tenta manter um padrão de comportamento exigido em uma conversa entre Miss Lucy Steel e Lady Middleton: “[...] sempre recaía sobre Elinor toda a tarefa de dizer mentiras quando a educação exigisse. Fez o melhor possível, quando foi instada, falando de Lady Middleton com mais entusiasmo do que sentia, apesar de ficar muito aquém de Miss Lucy” (Austen, 2014, p. 167).

Desse modo, mediante essas características que configuram a postura de Elinor, podemos considerá-la, conforme Lúcia Zolin (2009), como a representação de uma “mulher-objeto”, que “consiste em uma categoria utilizada para caracterizar as tintas do comportamento feminino em face dos parâmetros estabelecidos pela sociedade patriarcal. [...] define-se **pela submissão, pela resignação e pela falta de voz**” (Zolin, 2009, p. 219, grifos nossos). Além disso, sobre esse *status* de submissão e emudecimento de Elinor, podemos associar ao que Rose Muraro (2002) afirma a respeito da mulher submissa, pois:

Fica então, delimitado a seu âmbito dentro do sistema patriarcal, **que é o domínio da relação com os outros, do cuidado, da intuição, do concreto, da subjetividade, do sentimento, da ternura, da solidariedade, da partilha.** [...] as qualidades que desenvolve a ‘especializam’ para o domínio do privado. E como este não é produtivo, é menos valorizado que o domínio público, e **ela se torna submissa** [...] (Muraro, 2002, p. 69, grifos nossos).

Sendo assim, em contraste com essa postura de resignação de Elinor, percebemos uma postura e personalidade forte, inconformista, desobediente, insubordinada, sagaz, subversiva e imprudente de Marianne; o que nos mostra que ela “não adota o lema humilde e penitente”<sup>10</sup> de sua irmã Elinor. Um exemplo claro disso, vemos no momento quando Elinor repreende Marianne pela sua falta de decoro para com Mr. John Willoughby durante a conversa que tiveram, quando essa última responde à sua irmã de forma irônica:

‘Elinor’, exclamou Marianne, ‘Isso é justo? Isso é justo? Minhas ideias são tão escassas? Porém, entendo o que disse. Fiquei muito à vontade, muito feliz, muito franca. Estive em falta com toda noção comum de decoro; fui aberta e sincera onde deveria ter sido mais reservada, desanimada, tola e hipócrita... se tivesse falado apenas do tempo, das estradas, e se tivesse falado apenas uma vez a cada dez minutos, teria sido poupada dessa repreensão’ (Austen, 2014, p. 67).

Dessa forma, ao lermos esse fragmento e levando em consideração as concepções de Fernanda Moura (2015) e Bárbara Silva (2019), vemos claramente a maneira como Marianne zomba sobre as regras e as normas de conduta impostas às mulheres Pré-Vitorianas inglesas; o que ilustra o inconformismo, a desobediência e a insubordinação de Marianne ante a “pureza, meiguice, inocência, delicadeza, elegância, arte e manhas do sexo feminino” (Woolf, 2019, p. 12) que é esperado para as mulheres de sua época.

Além disso, um outro momento do enredo romanescos no qual conseguimos identificar a imprudência de Marianne em contraste com a prudência de Elinor, apresenta-se no seguinte excerto, ilustrado pelo narrador, a respeito da semelhança de caracteres de Marianne Dashwood e Mr. John Willoughby:

Na opinião de Mrs. Dashwood assim como na de Marianne, o rapaz parecia não ter falhas; e Elinor não viu nada que lhe pudesse censurar, além de uma propensão, na qual se parecia bastante, muito, e que particularmente agradava sua irmã, de dizer tudo o que pensava, qualquer que fosse a ocasião, sem dar importância às pessoas ou às circunstâncias [...] (Austen, 2014, p. 67-69).

Conforme o exposto, além de ser imprudente, Marianne apresenta-se sagaz, insubordinada e subversiva perante às amarras que o seu contexto sócio-histórico-político e cultural impunha às mulheres:

[...] Marianne abominava toda dissimulação quando nenhuma verdadeira desgraça poderia justificar a falta de franqueza; e empenhar-

<sup>10</sup> Texto original: “Humble and Penitent may be damned! Hidden and Patient, that will be my motto”. Referência ao lema adotado por Elizabeth of York, contrastando com o lema imposto por sua sogra, Lady Margaret Beaufort, no romance histórico contemporâneo inglês *The White Princess* (2013), de Philippa Gregory.



se em reprimir sentimentos que eram em si censuráveis, parecia-lhe um esforço desnecessário, além de uma lamentável submissão da razão às noções convencionais e ao senso comum [...] (Austen, 2014, p. 75).

Reforçando, mais adiante, em viva voz, que: “Faria mais do que por mim mesma. Mas parecer feliz quando na verdade estou triste... Ó! Quem pode exigir isso?” (Austen, 2014, p. 253). Portanto, mediante todas essas características da postura de Marianne, podemos considerá-la como a representação do que Lúcia Zolin (2009) classifica como “mulher-sujeito”, pois ela “[...] é marcada pela **insubordinação** aos referidos paradigmas, por seu **poder de decisão, dominação e imposição**” (Zolin, 2009, p. 219, grifos nossos). Outrossim, a respeito desses aspectos das protagonistas de Jane Austen, Genilda Azerêdo (2013) afirma que: “suas narrativas denunciam **as amarras sociais e a falta de liberdade e oportunidades, principalmente, em relação às mulheres**, e ensaiam situações que **subvertem e questionam** aquele modo de ordem social opressiva e autoritária” (Azerêdo, 2013, p. 25, grifos nossos).

E, por fim, como uma forma de crítica ácida, Jane Austen (2014) inverte os papéis de ambas as protagonistas no último aspecto que analisamos, o casamento: quando Elinor casa-se por afeição e Marianne casa-se por conveniência. Pois, levando em consideração todos os comportamentos das personagens em estudo, o leitor nutre uma expectativa de ver Elinor casada por conveniência – já que ela defende esse fato durante toda a narrativa romanesca – e Marianne casada por afeição, uma vez que esse é o seu ponto de vista defendido durante todo o enredo do romance. O que corrobora, desse modo, com o que Elen Biguelini (2009), Fernanda Moura (2015) e Bárbara Silva (2019) enfatizam sobre o casamento por afeição ser um fato incomum na Inglaterra georgiana; sendo o casamento por amor, na obra austeniana, apresentado como representação de subversão pelas protagonistas de Jane Austen. Uma vez que:

A instituição do casamento seria, de certo modo, o último estágio de consolidação de uma vida estabilizada para uma mulher de posição social elevada na Inglaterra do século XIX. Como característica principal do patriarcado, o casamento seria a passagem da tutela da mulher do legado do pai, para o marido, enfatizando o sentido de posse sob a mulher (Pontes, 2019, p. 69).

Assim, com relação ao casamento por afeição de Elinor, temos a confirmação desse fato quando o narrador onisciente nos revela o seguinte:

[...] Só isso precisa ser dito, que, quando todos se sentaram à mesa às quatro horas, cerca de três horas depois de sua chegada, ele [Mr. Edward Ferrars] já havia conseguido a mão de sua amada [Miss Elinor Dashwood], o consentimento da mãe dela, e não apenas professava o

discurso arrebatado do enamorado, como também, na realidade da razão e da verdade, se considerava o mais feliz dos homens. De fato, sua alegria era maior do que o comum. Tinha a mais do que o triunfo normal do amor correspondido para transbordar o seu coração e elevar o seu ânimo [...] (Austen, 2014, p. 471, acréscimo nosso).

Com relação ao casamento por amor de Elinor Dashwood na obra austeniana, corroboramos com as concepções de Adriana Sales Zardini (2013), **Presidenta da Jane Austen Sociedade do Brasil (JASBRA)**, quando ela afirma que:

**O casamento ainda era visto como uma instituição econômica**, apesar dos finais felizes, as mulheres de Austen ainda se casavam para manter um *status quo*. Apesar de o casamento ser importante nos romances, **o foco principal de Austen é a situação da mulher na sociedade inglesa de sua época**. Em todos os seus livros, Austen retrata as mulheres vivendo em uma sociedade **onde a educação não libertava as mulheres, apenas restringia ainda mais a sua situação** (Zardini, 2013, p. 07, grifos nossos).

No que diz respeito ao casamento por conveniência de Marianne Dashwood, além de sua obrigação, ao final da narrativa romanesca, em submeter-se ao “destino de mulher” (Beauvoir, 2009, p. 674), identificamos a ironia e o sarcasmo do narrador onisciente quando ele enfatiza:

Mas assim foi. Em vez de sacrificar-se à uma paixão irresistível, como uma vez ela tinha orgulhosamente esperado fazer – ao invés de permanecer para sempre com a mãe, tendo a reclusão e os estudos como seus únicos prazeres, como mais tarde, com o juízo mais calmo e sóbrio, decidira – aos 19 anos viu-se entregue a novos afetos, aceitando novos deveres, instalada em outra casa, uma esposa, uma dona de casa e senhora de um povoado (Austen, 2014, p. 493).

Isto posto, como premissas máximas do contexto patriarcal, de acordo com Kate Millett (1970), o casamento e, conseqüentemente, a família tradicional, se configuram como elementos que caracterizam a política sexual, desembocando, desse modo, em reflexões cunhadas pelo feminismo político. Sendo assim, com relação à essa política sexual, Kate Millett (1970) argumenta que:

**A principal instituição do patriarcado é a família**. É ao mesmo tempo um espelho e uma conexão com a sociedade maior; **uma unidade patriarcal dentro de um todo patriarcal**. Mediando entre o indivíduo e a estrutura social, **a família efetua o controle e a conformidade quando as autoridades políticas e outras são insuficientes**. Como o instrumento fundamental e a unidade básica da sociedade patriarcal, **a família e seus papéis são prototípicos**. Servindo como um agente



da sociedade mais ampla, a família não apenas encoraja seus próprios membros a se ajustarem e se conformarem, mas também atua como uma unidade no governo **do estado patriarcal que governa seus cidadãos por meio de seus chefes de família**. Mesmo em sociedades patriarcais onde são concedidas cidadania legal, **as mulheres tendem a ser governadas apenas pela família e têm pouca ou nenhuma relação formal com o Estado** (Millett, 1970, p. 33, tradução<sup>11</sup> e grifos nossos).

Em suma, constatamos que, essa inversão de papéis que Jane Austen (2014) faz, no que concerne ao desfecho do destino das duas protagonistas, configura-se, de certa maneira, como ironia, humor ácido, sarcasmo e uma crítica à sociedade aristocrata e georgiana inglesa. Uma crítica que afirma que, mesmo tentando subverter as amarras e imposições ao seu gênero, como Marianne faz durante toda a narrativa romanesca, as mulheres não têm outra saída a não ser tentar garantir um futuro estável através do casamento, seja esse realizado por afeição ou por conveniência. Isto é, mesmo que as mulheres tentassem se subverter das amarras sociais nos séculos XVIII e XIX, o sistema patriarcal era forte o suficiente para aprisioná-las, submetê-las e abnegá-las à condição de inferioridade e total dependência a tudo o que fosse relacionado ao masculino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do nosso estudo, constatamos que *Razão e Sensibilidade* (2014) pode ser considerado como um romance de denúncia a respeito da condição das mulheres inglesas nos séculos XVIII e XIX. Pois, ele apresenta uma boa representação do masculino e do feminino nesse recorte sócio-histórico-político e cultural, ilustrando, com maior ênfase, a forma como as mulheres na Inglaterra georgiana deveriam gerir as suas vidas; ou seja, de acordo com as imposições feitas por uma sociedade patriarcal, androcêntrica, falocêntrica e calcada no pensamento hegemônico e supremacista masculino. Estrutura essa que vem oprimindo as mulheres ao longo da História, relegando-as ao segundo plano, ao domínio do âmbito privado e, conseqüentemente, domesticando-as; inferiorizando-as biologicamente, psiquicamente, de forma civil e legal, ao ponto de elas se tornarem o “Outro”, o inessencial, o invisível, o negativo, o emudecido (Cf. Beauvoir, 2009).

Assim sendo, o propósito do presente artigo consistiu em fazer uma breve análise comparativa das protagonistas Elinor Dashwood e Marianne Dashwood, na perspectiva

<sup>11</sup> Texto Original: “**Patriarchy’s chief institution is the family**. It is both a mirror of and a connection with the larger society; **a patriarchal unit within a patriarchal whole**. Mediating between the individual and the social structure, **the family effects control and conformity where political and other authorities are insufficient**. As the fundamental instrument and the foundation unit of patriarchal society, **the family and its roles are prototypical**. Serving as an agent of the larger society, the family not only encourages its own members to adjust and conform, but acts as **a unit in the government of the patriarchal state which rules its citizens through its family heads**. Even in patriarchal societies where they are granted legal citizenship, **women tend to be ruled through the family alone and have little or no formal relation to the State**” (Millett, 1970, p. 33, griffons made by us).



dos Estudos de Gênero na Literatura, da Crítica Literária Feminista e do Feminismo Político; ilustrando como se configura a representação do feminino na obra austeniana em estudo que, ora atende aos padrões, moldes, regras de conduta e comportamento esperado para as mulheres georgianas inglesas; ora mostra uma representação do feminino que rompe com essa representação da mulher proposto pelo contexto oitocentista inglês.

Ao longo dessa diminuta análise comparativa, identificamos um contraste entre ambas as protagonistas: Elinor, apresentando-se como uma representação máxima do que era esperado para uma mulher georgiana inglesa, ou seja, o “Anjo do Lar”; enquanto Marianne, apresenta-se como uma boa representação do que seria uma mulher que subverte os padrões que eram impostos às mulheres dessa época, isto é, a “rebeldia”.

Portanto, ao analisarmos a representação do feminino no romance, conseguimos discutir, através das personagens femininas de Jane Austen (2014), os modelos sociais das mulheres da Inglaterra Pré-Vitoriana. Como vimos, essas não tinham outra saída, a não ser, ter que obedecer aos preceitos da sociedade patriarcal; tendo sempre que se submeter às regras e às convenções sócio-histórico e culturais de seu contexto. Ademais, vimos que o casamento, sendo apresentado como uma instituição do sistema patriarcal, é a única saída para as mulheres abastadas ou de classe média conseguirem estabilidade socioeconômica; o que reafirma a condição de submissão e inferioridade do sexo feminino.

Em conclusão, de acordo com as concepções dos Estudos de Gênero na Literatura, da Crítica Literária Feminista, do Feminismo Político, e através de uma leitura interpretativa e crítico-reflexiva sobre as protagonistas de *Razão e Sensibilidade* (2014), constatamos que Jane Austen constrói Elinor Dashwood como submissa para mostrar a total aceitação do seu contexto legal, civil e político. E, ao mesmo tempo, constrói Marianne Dashwood como subversiva, que é apresentada na narrativa romanesca com o intuito de refutar todas as ações opressoras ao seu gênero, inclusive com relação à instituição do casamento no contexto oitocentista inglês.

## REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Razão e Sensibilidade**. Tradução e Notas: Adriana Sales Zardini. São Paulo: Editora Landmark, 2014.

AUSTEN-LEIGH, James Edward. **Uma memória de Jane Austen**. Tradução: José Loreiro; Stephanie Savalla. Domingos Martins: Pedra Azul, 2014.

AZERÊDO, Genilda. As Protagonistas de Jane Austen e a Ruptura com as Convenções Sociais. In: **Para Celebrar Jane Austen: diálogos entre literatura e cinema**. Curitiba: Appris, 2013. p. 21-43.



BARROS, Samira Alves. **Representações da Personagens Femininas de *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen**. 92f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). Universidade Estadual do Piauí. Teresina, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução: Sérgio Millet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIGUELINI, Ellen. **O Triunfo do Casamento por Amor: Jane Austen e o matrimônio**. 52f. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

BYRNE, Paula. **A Verdadeira Jane Austen: Uma Biografia Íntima**. Tradução: Rodrigo Breuning. Porto Alegre: L&PM, 2018.

CAMPBELL, Joseph. **Deusas: os mistérios do divino feminino**. Edição: Safron Rossi. Tradução: de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2015.

CEVASCO, Maria Elisa; SIQUEIRA, Valter Lellis. 5. O Romantismo: a aventura da imaginação. In: **Rumos da Literatura Inglesa**. Coleção Princípios. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999. p. 46-52.

EAGLETON, Terryson. **The English Novel: An Introduction**. Oxford, England: Blackwell Publishing Ltd, 2005.

GREENBLATT, Stephen; ABRAMS, M. H. Jane Austen (1775-1817). In: **The Norton Anthology of English Literature**. 8. ed. Volume 2. New York: W. W. Norton & Company, 2005. p. 514-536.

GREGORY, Philippa. **The White Princess**. London: Simon & Schuster, 2013.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa *et al* (org.). **Dicionário da crítica feminista**. Porto: Edições Afrontamento, 2005.

MANGUEIRA, José Vilian. **O sujeito feminino em *O Despertar e Riacho Doce*: um estudo comparativo da obra de Kate Chopin e de José Lins do Rego**. Curitiba: Appris, 2017.

MILLETT, Kate. Sexual Politics (Kate Millett, 1968). In: **Women and Marxism. Marxist Internet Archive (MIA)**. Organization: Sally Ryan. [s.l.], 2003. Disponível em: <https://www.marxists.org/subject/women/authors/millett-kate/sexual-politics.htm>. Acesso em: 22 ago. 2019.

MILLETT, Kate. **Sexual Politics**. University of Illinois Press, Urbana and Chicago. New York: Doubleday, 1970.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Prefácio. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. Tradução: Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 07-16.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**: uma história através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

MOURA, Fernanda Korovsky. **A sensibilidade de Marianne Dashwood: um olhar feminista sobre a personagem de Jane Austen**. 85f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras Português - Inglês). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

NEVES, Flávia; RIBEIRO, Débora. **DICIO**: Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 20 set. 2020. [Online].

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução: Denise Bottmann. 6.<sup>a</sup> Reimpressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

PONTES, Francisco Edinaldo de. **Uma leitura das personagens Elizabeth e Jane em uma perspectiva feminista, no romance *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen**. 119f. Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em Letras - Inglês). Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira, 2019.

SALES, Adriana dos Santos. Jane Austen, Escritora Conservadora ou Liberal? **LiterAusten**. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 08-17, 2017. Disponível em: <https://janeaustenbrasil.com.br/wp-content/uploads/2017/06/volume-01-nc3bamero-01-2017.pdf>. Acesso em: 01 out. 2020.

SANDERS, Andrew. The Literature of the Romantic Period (1780-1830): Austen, the 'Regional' Novel, and Scott. In: **The Short Oxford History of English Literature**. Oxford University Press. New York: Clarendon Press, 1994. p. 368-377.

SILVA, Bárbara Soares da. **Razão e Sensibilidade: uma análise feminista a partir da narrativa austeniana**. 57f. Monografia (Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa/Inglês). Autarquia Educacional do Belo Jardim. Faculdade do Belo Jardim. Belo Jardim, 2019.

THORNLEY, G. C.; ROBERTS, Gwyneth. Other nineteenth-century prose. In: **An Outline of English Literature**. New Edition. Edinburgh Gate, Harlow. Essex, England: Logman Pearson Education Limited Ltd, 2003.

WOOLF, Virgínia. Profissão para as mulheres. In: **Profissão para as mulheres e outros artigos feministas**. Tradução: Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2019. p. 09-19.



WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. Tradução: Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.

ZARDINI, Adriana Sales. O universo feminino nas obras de Jane Austen. **Em Tese**. Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 01- 14, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3731/3695>. Acesso em: 10 set. 2020.

ZARDINI, Adriana Sales. A Identidade Feminina na Obra 'Orgulho e Preconceito' de Jane Austen. **Anais do SILEL**: EDUFU. Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 01-12, 2013. Disponível em: [http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013\\_2049.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_2049.pdf). Acesso em: 01 out. 2020.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (org.). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: EDUEM, 2009. p. 217-242.